
Crónica de onomástica paleo-hispânica (9)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O No presente artigo, a maior parte da nossa atenção incide sobre a antroponímia ibérica em escrita do SE.

A B S T R A C T In this paper we pay special attention to personal names documented in the southeastern variety of Iberian script.

aiduargi. Placa de chumbo. La Bastida de les Alcuses (Mogente, Valência). *MLH* III 2 G.7.2.

Os semissilabários ibéricos foram ultimamente objecto de uma aturada análise por parte do professor José Antonio Correa (2004). A propósito do signo meridional {7}, arrumado no grupo de signos de identificação discutível, afirma Correa (2004, p. 92) que “[p]arece claro que quien escribió G.7.2,B ha distinguido entre el uso fonético de este grafema y el metrológico, este último muy abundante en este texto: en el primer caso le ha añadido, al menos una vez, un trazo al signo”. Correa não faculta nenhuma bibliografia respeitante a este assunto, mas a verdade é que, já há mais de uma década, declarávamos o seguinte: “[c]onvém notar que, na face A, S22a [{8-1}] representa um valor fonético, ao passo que, na face B, S22 [{7-1}] é, quase sempre, a abreviatura de um valor metrológico. Apenas no antroponímico *aiTuarKi*, duas vezes mencionado, aquele signo comporta um valor fonético, ostentando, em ambos os casos, um apêndice distintivo entre a barra vertical e a circunferência que se lhe sobrepõe” (Faria, 1990-1991, p. 79).

angioniś. Moedas. *Abra.* CNH 355:1-4.

Não obstante termos vindo a sustentar em várias ocasiões que **angioniś** configura presumivelmente um NP turdetano (Faria, 1990-1991, p. 81, 1991a, p. 18, 1995a, p. 79), hoje consideramos uma tal origem linguística menos plausível. A comparação de **angioniś** com **angisa** (H.9.1) (Faria, 1995a, p. 78, 2003a, p. 319) não é de modo nenhum esclarecedora, pois o NP inscrito na taça de La Granjuela só mostra algumas afinidades com o ibérico **etogíśa** (CNH 51:96-100) (Faria, 2002a, p. 234) se for segmentado em **an-gíśa**, a menos que estejamos perante **angi-(gi)sa*. Conhece-se, porém, um NP passível de abonar uma origem ibérica para **angioniś**: trata-se de ILDRONIS (Mérimee, 1844 [*non uidi*], *apud CIL* II²/5, 414-415; Abascal Palazón, 1994, p. 390), versão latinizada de um provável bimembre ibérico **ilduñoniś*. ILDRONIS é NP que figura a par de outros nomes indígenas no famoso “sepulcro dos Pompeios”, situado em Torreparedones/Cortijo de las Vírgenes (Castro del Río, Baena/Cañete de las Torres, Córdoba) (Beltrán Fortes, 2000). Entre estes,

há mais um, cuja inclusão na onomástica ibérica não pode ser descartada: referimo-nos a IGALGHIS (*CIL* II²/5, 415), que admite uma segmentação em **igal-giś*. Enquanto o segmento **giś** ocorre nos NNP **bangiś** (G.7.2) (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991b, p. 190, 1994a, p. 66, 1995b, p. 327, 1997, p. 107), **ildirgiś** (Solier, 1979, p. 83; Faria, 1995b, p. 327, 2000a, p. 64) e **boiſtingiś** (Faria, 1995b, p. 327), *igal* constitui a base, decerto associada ao sufixo toponímico *-e* (Faria, 1995b, p. 325, 2003a, p. 313-314) do NL (**igale*) indirectamente documentado através dos NNE **igale(n)scen** (gen. pl.) (*CNH* 324:1-26) (Schmoll, 1959, p. 62) e Ἰγλήτες (Strab. *Geogr.* 3.4.19) (Gómez-Moreno, 1949, p. 185; Beltrán Villagrasa, 1954, p. 24; Faria, 1991a, p. 15, 1992a, p. 45). A analogia entre **igale(n)scen** e IGALGHIS, estabelecida por Schmoll (1959, p. 62), prova que a oclusiva velar intervocálica era originariamente sonora, apesar das dúvidas expressas recentemente por Eugenio R. Luján (2003 [2004], p. 132). Esta mesma inferência pode naturalmente ser retirada da comparação entre **igale(n)scen** e Ἰγλήτες (Faria, 1991a, p. 15, 1992a, p. 45, 2002a, p. 234, 2003b, p. 220).

Não obstante as reservas por nós colocadas (Faria, 2002a, p. 234), a análise correcta de **igalenscen** deverá, no nosso entender, passar pelo reconhecimento da comparência simultânea neste NE do sufixo de locativo *-n* e do sufixo formador de NNE *-s* (Pérez Orozco, 1993a, p. 225).

No artigo acima citado, Luján (2003 [2004], p. 132-133) tentou demonstrar que o topónimo moderno “Illescas” terá derivado regressivamente de **ikalensken**, NE, que, recorde-se, deverá estar em caso oblíquo (gen. pl.). Parece-nos, no entanto, preferível considerar que o NL “Illescas”, sintomaticamente localizado em território que, em época pré-romana, era carpetano, constituirá o resultado actual da toponimização de um adjectivo étnico (fem. pl.) formado, talvez a partir de **Iglia* < **Igle*, pelo sufixo hispano-celta *-esco-*, variante de *-sco-* (Jordán Cólera, 2003 [2004], p. 292), ao jeito de *Virouesca* < **uirouia** (Corominas, 1972, p. 272; Villar, 1995, p. 136, 141, 142, 151; *MLHV* 1, p. 453). Não podemos, assim, manifestar a nossa adesão aos juízos sobre a origem do NL “Illescas” que foram recentemente emitidos por Álvaro Galmés de Fuentes (2000, p. 29-30) e Alicia Canto (2001, p. 122).

arsbigis. Moedas. **arſe** (Sagunto, Valência). *CNH* 304:2, 5.

Leandre Villaronga (2003, p. 220-221), além de continuar sem acertar na transliteração correcta da legenda que ostenta o presente NP, parece ignorar a história da investigação sobre a mesma, cujos episódios mais relevantes tivemos o ensejo de relatar em diversas ocasiões (Faria, 2000b, p. 127-128, 2001a, p. 96-97, 2002b, p. 122-123, 2003a, p. 320). Não deixa de ser curioso notar que foi justamente na recensão crítica ao *CNH*, *magnum opus* do numismata catalão (Faria, 1994b, p. 123), que, pela primeira vez, avançámos com **arsbigisTeegiaſ** (Gómez-Moreno, 1949, p. 169) em detrimento de **arsagiskuekiar**, a única transliteração admitida até há muito pouco tempo por Villaronga (e por Javier Velaza, entre outros).

Ao declarar que [l]’augment de les monedes recollides permet completar algunes lectures, que ara [sublinhado nosso] són segures: *arsbikisteekiar* [sic] que abans llegíem *arsagiskuekiar* (...)”, Villaronga (2003, p. 220) tenta justificar os erros de leitura cometidos no passado, revelando ao mesmo tempo um considerável menosprezo por quem, a começar por Manuel Gómez-Moreno, nunca aceitou acriticamente a transliteração de Pío Beltrán (1942, p. 23), secundada alguns anos depois por Antonio Tovar (1949, p. 29, 1951, p. 291).

arſboildir. Placa de chumbo. Camp de Morvedre (Sagunto, Valência). Silgo e Tolosa, 2000, p. 41.

Na perspectiva de Eduardo Orduña Aznar (2003 [2004], p. 137-139 e n. 6), a comparação com **alaunildirte** (D.8.1), **baisYildir** (F.13.2), **bastesildirte** (F.13.24), **lacunYildirte** (F.9.7) e **selgiYildun** (F.21.1) é motivo suficiente para que se encare **arſboildir** como “palavra” (o termo é dele) em cuja composição entra o NL **arſ(e)**. Contra uma tal interpretação concorrem várias razões:

- 1) **alaunildirte** (D.8.1) é transliteração que está muito longe de se poder considerar segura (Untermann, 1976, p. 132 e n. 61). Importa reter que a transliteração aventada por Untermann foi, nos últimos anos, contestada por Silgo Gauche (1994, p. 34, 1998-1999, p. 16) e por De Hoz (2002, p. 163, n. 18), que sugeriram como alternativas **aiunildirten** e **alau-nikadirte**, respectivamente.
- 2) **baisYildir** (F.13.2) é transliteração que o próprio Untermann pretere em favor de **baiseildir**. Ainda segundo Untermann, **baiseildir** corresponde a um NP (*MLH* III 1, p. 213, 223, *MLH* III 2, p. 434, 439).
- 3) É possível que **bastesildirte** (F.13.24) integre um NE equivalente ao lat. *Bastetani* (*TIR*, J-30, p. 105-106). **bastes* seria assim cotejável com os NNE **aués**, **bilbiliars**, **igales**, **ildirges**, **sedeis** e **sesaŕs** (Faria, 2002a, p. 234; De Hoz, 2002, p. 163-164). Não pode, todavia, ser eludido o facto de **bašti**, e não **baste*, constituir o único NL de que temos conhecimento por outras fontes (Untermann, 1976, p. 131-132, *MLH* III 1, p. 184, *MLH* III 2, p. 476; De Hoz, 2002, p. 163 e n. 19). A despeito da tentativa ensaiada por Javier de Hoz (2002, p. 163, n. 19) nesse sentido, não se pode comparar **bastogiŕsa** com **baste*, porque aquela é, sem dúvida, “mala lección de **etogiŕsa**” (Tovar, 1951, p. 295). Por outro lado, conquanto uma tal eventualidade não possa ser definitivamente afastada, não é certo que, à luz do que hoje se sabe sobre o sufixo *-te* (Velaza, 2002, p. 274), o dito sintagma se possa traduzir por “pela/da cidade de Basti” (Untermann, 1976, p. 132) ou “pela/da cidade bastetana” (Pérez Orozco, 1993a, p. 225).
- 4) A interpretação de **lacun(Yildirte)** (F.9.7) como NL é uma hipótese que deve ser abandonada, em face da maior probabilidade de estarmos na presença um NP, bímembre (**lacun-Yildir**) (Rodríguez Ramos, 2000, p. 29) ou trimembre (**lacu-nY-ildir**).
- 5) **selgiYildun** (F.21.1) figura numa inscrição exclusivamente composta por NNP, pelo que a sua consideração como NP (*MLH* III 1, p. 224, 230) é, sem dúvida, a mais apropriada.

Para Eduardo Orduña (2003 [2004], p. 138), há que individualizar em **aŕsboildir** o infix *-boi-*. O facto de o mencionado autor não ter encontrado nenhuma explicação para o dito infix não deve surpreender, dada a total inexistência de *comparanda* minimamente credíveis.

Deste modo, perante a fragilidade das premissas em que assenta a proposta subscrita por Orduña Aznar, **aŕsboildir** deve preferencialmente ser considerado um NP trimembre, segmentável em **aŕs-bo-ildir** (Silgo e Tolosa, 2000, p. 41; Faria, 2002b, p. 127, 2003b, p. 215). Além dos numerosos NNP terminados em **ildir** (*MLH* III 1, p. 223), podemos indicar os seguintes paralelos, alguns deles também assinalados por Silgo e Tolosa (2000, p. 41): **aŕscobor** (Guérin e Silgo, 1996, p. 204), segmentável em **aŕs-cobor** (Faria, 1997, p. 106, 2002b, p. 135; Velaza, 2001, p. 645 e n. 25) ou em **aŕs-co-bor** (Faria, 2002b, p. 135, 2003b, p. 215), **aŕscoro** (F.11.5), segmentável em **aŕs-coro** (*MLH* III 1, p. 211), **garesbobigir** (F.13.3), segmentável em **gares-bo-bigir** (Faria, 1990-1991, p. 86, 1994a, p. 70, 1997, p. 107), HANNABI (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 216, n.º 201) e HARSPI (gen.) (Gorrochategui, 1984, p. 222, n.º 217; Pérez Orozco, 1993b, p. 63).

BAMBIXXVS. Placa votiva de prata. Hagenbach (Germersheim, Renânia-Palatinado). Gorrochategui, 2003 [2004], p. 30.

É evidente que este NP, tal como BANBIXI (gen.) e BAMBIXXI (gen.), igualmente constantes nas placas de Hagenbach, constitui uma adaptação latina de BAMBIX (Gorrochategui, 2003 [2004], p. 30), já conhecido em duas lápides recolhidas no Museu de Toulouse (Gorrochategui, 1984, p. 154-155, n.ºs 70-71). Do nosso ponto de vista (Faria, 2002b, p. 132, 2003a, p. 316), BAM-

BIX remete para **ban-bes*, estando ambos os componentes atestados na onomástica ibérica (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991b, p. 190, 1992b, p. 195, 1994a, p. 66, 70, 1995b, p. 326, 2000b, p. 126, 130, 2003a, p. 316). Para chegar a tal conclusão, nem sequer seria imprescindível a atestação de BANBIXI (gen.). Silgo Gauche (2001, p. 348) invocou BAMBIX como termo de comparação com **Jarbiśafen**, isolando nesta sequência um NP (incompleto), segmentável em **Jar-biś**; mas não cremos, em conformidade com o que estipula Untermann (2002, p. 357), que seja esta a análise mais ajustada. No entendimento de Gorrochategui (2003 [2004], p. 30), BAMBIX é um NP simples, dada a passagem da nasal ápico-alveolar etimológica a nasal bilabial, por assimilação à oclusiva bilabial sonora. Em consequência desta definição, Gorrochategui vê-se obrigado a desvalorizar o testemunho de BANBIXI (gen.), qualificando o uso de -NB- como uma hipercorreção. Não nos parece, todavia, que seja legítimo o enquadramento de ADIMELS, ISTAMIVRIS, ORDVMELES, SOSIMILVS, SOSVMILOS e TVRTVMELIS (Quintanilla, 1998, p. 266-267) entre os NNP simples, não sendo tão-pouco aceitável que o ND ILVMBER[(Gorrochategui, 1984, p. 338-340, n.º 565) integre esta mesma categoria.

bangiś. Placa de chumbo. La Bastida de les Alcuses (Mogente, Valência). *MLH* III 2 G.7.2.

Correa (2004, p. 91) parece hesitar entre **binkiś** e **baneś** na transliteração de um dos NNP gravados em G.7.2; porém, de há muito que vimos defendendo ser **bangiś** a leitura a perfilhar (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991b, p. 190, 1994a, p. 66, 1995b, p. 327, 1997, p. 107, 2002b, p. 130), no que contamos com o apoio de Comas, Padrós e Velaza (2001, p. 297). Aliás, não podemos deixar de estranhar a circunstância de o professor Correa, ao tratar dos valores a atribuir a {6}, {7} e {8} (Correa, 2004, p. 92-93), ter eludido a nossa argumentação conducente a demonstrar que a distinção entre aqueles signos residia não só no valor metrológico ou fonético dos mesmos mas também no valor silábico ou consonântico que a cada um deles estava cometido (Faria, 1990-1991, p. 79, 1991b, p. 195, 196, 1995a, p. 84). Também a notação da oposição de sonoridade entre oclusivas poderá estar na origem da utilização na numária de *Obulco* de signos aparentemente homófonos (Faria, 1995a, p. 79, 1996, p. 155, 167, 173, 175).

Vem ainda a propósito referir que quer a identificação de **eguan** (forma verbal?) na inscrição rupestre de La Camareta (Pérez Rojas, 1993, p. 164-165) quer a sua comparação com **eguan** (E.5.1) e EGVAN (H.3.4) já haviam sido por nós contempladas num texto (Faria, 1997, p. 107) que Correa (2004, p. 98, n. 82) omite.

Já que nos vimos ocupando de questões atinentes aos subsistemas do semissilabário do SE (Correa, 2004, p. 83) — caso estejamos perante apenas um, e não perante diversos semissilabários meridionais (Faria, 1995a, p. 84) —, cremos que vale a pena comentar algumas afirmações produzidas pelo professor Correa (2004) a propósito de determinados signos a ele(s) pertencentes:

- Sobre o signo que, na esmagadora maioria dos textos em escrita meridional, se translitera como **Be** (Correa, 2004, p. 88), v., igualmente, Faria, 1990-1991, p. 78, 1991b, p. 193, Fig. 1, 1992a, p. 45.
- Assevera Correa (2004, p. 91) que tanto De Hoz como Untermann se inclinam — o primeiro “claramente” e o segundo “con reservas” — por transliterar {4} como **Te**. Ora, sucede que, pelo menos em dois trabalhos, Javier de Hoz (1979, p. 259, Fig. 2, 1993a, p. 190, Fig. 1) não se atreveu a atribuir qualquer valor a {4}, pelo que a inclinação por ele patenteada noutras ocasiões (De Hoz, 1976, p. 264-265, 1989, p. 573, Cuadro, n.º 3, 574, Cuadro n.º 4) em favor de **Te** está longe de ser clara. Tão-pouco Untermann (*MLHI* 1, p. 136, 341, *MLH* III 1, p. 249, Tabelle 3) se arriscou a conferir qualquer valor fonético a {4}. Estranhamente, o professor

Correa deixou por referir que a paternidade da transliteração do signo em questão como **Te** pertence, sem margem para dúvidas, a Ulrich Schmoll (1966, p. 190, 191, n. 3). Pela nossa parte, nunca hesitámos em aceitar a bondade de tal transliteração (Faria, 1990-1991, p. 78, Fig. 1, 1991a, p. 18, 1991b, p. 193, Fig. 1, 1992a, p. 45, Fig. 3), que chegou ao nosso conhecimento por via indirecta (*MLH I* 1, p. 136, 341; De Hoz, 1976, p. 264-265, 1979, p. 259, Fig. 2, 1989, p. 573, Cuadro, n.º 3, 574, Cuadro n.º 4).

- Sobre o signo {5} (Correa, 2004, p. 92), que, pelo menos no chumbo de La Bastida de les Alcuses, vale por /e/, v., igualmente, Faria, 1990-1991, p. 77, 78, 79, 1991a, p. 18, 19, 1991b, p. 193, Fig. 1, 1992a, p. 41, 45.

bigirtinś. Lâmina de chumbo. La Punta de Orleyl (Vall de Uxó, Castellón de la Plana). *MLH III 2 F.9.2.*

Contrariando a *lectio facilior* — **bigirtibaś** — avançada com alguma hesitação por Untermann (*MLH III 2*, p. 380-381) e agora subscrita sem reservas por Correa (2004, p. 91), preferimos voltar a transliterar o último signo do NP em apreço como **n** (Fletcher, 1972, p. 114, lám. V, 1974, p. 127, Fig. 2, 129, 1985, p. 25, 80, Fig. 38, 123, lám. XXXIII; Faria, 1990-1991, p. 77, 84, 1991b, p. 193, 1998a, p. 235, 2000b, p. 129-130). Na verdade, nada no *ductus* do mencionado grafema autoriza a que o mesmo possa ser lido como **ba** só porque, nesta eventualidade, seria mais facilmente explicá-lo enquanto integrante do bem conhecido elemento onomástico **tibaś** (De Hoz, 1979, p. 266). Convém ter presente que são já em número considerável os exemplos em que, em aparente contexto homossilábico, a um signo de nasal sucede outro de sibilante; ao caso vertente e aos que foram há alguns anos aduzidos por Correa (1999, p. 380) deverá juntar-se BINSNES (**bins-nes*) (Faria, 1991b, p. 190, 194, 1994a, p. 67).

Cafsuritu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH 343:15-16.*

José Antonio Correa (2004, p. 97, n. 55), sem excluir liminarmente a única leitura que se nos antolha admissível, resolveu dar um novo fôlego a **Cafsuribi** (transliterando, neste caso por vulgar *lapsus calami*, os dois signos de vibrante de maneira idêntica: **Carsuribi**). A verdade, porém, é que o NP em causa, inequivocamente ibérico, deve ser **Cafsuritu**, segmentável em **Caf-suri-tu**, **Cafs-(s)uri-tu** ou em **Cafs-uri-tu** (Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67, 1994b, p. 123, 1994c, p. 42-43, n.º 112, 1995a, p. 80, 81, 1995b, p. 326, 1996, p. 158, 1997, p. 106, 1998a, p. 236, 1998b, p. 230, 1998c, p. 249, 2000b, p. 122, 130, 2001a, p. 99, 2002a, p. 240, 2002b, p. 127, 2003b, p. 213, 215). Lembremo-nos de que **Cafsuritu** era, até há alguns anos, a única transliteração reconhecida por Correa (2001, p. 312). Na visão deste autor, **Cafsuritu** pertence a um conjunto de NNP “cuyo iberismo no es demostrable, pudiendo ser turdetanos o de otro origen” (Correa, 2001, p. 312).

O nome do magistrado obulconense foi lido correctamente pela primeira vez por Jürgen Untermann (*MLH III 1*, p. 190), leitura que nos tinha passado despercebida em diversos artigos (*e.g.*, Faria, 2000b, p. 130). Todavia, Untermann, por motivos nunca esclarecidos, sempre considerou **Cafsuritu** um NP não-ibérico.

Já vimos noutro momento (Faria, 2002a, p. 240) que o sufixo *-tu*, cuja existência, ao contrário do que sucede com a de *-to*, é ignorada por Jesús Rodríguez Ramos (2002 [2003], p. 279), também se encontra documentado no patronímico **TARBANTV** (TSall). Não obstante ser **TARBANTV** a única leitura admissível (Schuchardt, 1909, p. 244, 246 e n. 1; Criniti, 1970, p. 25 e n. 64), convirá recordar que o professor Untermann (*MLH III 1*, p. 233), na esteira de outros autores (coligidos por Criniti, 1970, p. 25-26, n. 64), não evidenciou quaisquer dúvidas em optar por **TABBANTV**,

merecendo-lhe este pretense NP o seguinte comentário (*MLH* III 1, p. 233, n. 116.1): [w]ahrscheinlich verschrieben aus *Tarbantu*. [...] Das sonst isolierte 1. Element in **tasbarikibaš** E.1.337 [...] läßt auch eine Verschreibung aus *Tasbantu* möglich erscheinen”. Por outras palavras: se Untermann não reconhece a existência de **TARBANTV**, mas tão-só a de **TABBANTV**, fica feita a prova de que Jesús Rodríguez Ramos (2004) — nunca por má-fé, mas, quiçá, por desconhecimento da língua alemã —, falta à verdade quando declara que Untermann inclui **TARBANTV** entre os NNP ibéricos possuidores do componente **tarban**. Aliás, Jesús Rodríguez Ramos (2002 [2003], p. 269), por muito que lhe custe aceitar, comete exactamente o mesmo erro de leitura veiculado por Untermann, mas com uma agravante: acha legítima a comparação do inexistente **TABBANTV** com o segmento final de **abartanban** (Rodríguez Ramos, 2002 [2003], p. 269), presumível NP (Rodríguez Ramos, 2002 [2003], p. 253) que ocorre não apenas em F.13.18, mas também em F.13.46, dando incorrectamente a entender que **tarban**, **tanban** e **TABBAN** configuram um único componente onomástico (Rodríguez Ramos, 2002 [2003], p. 253, 269).

CERECO. Placa votiva de prata. Hagenbach (Germersheim, Renânia-Palatinado). Gorrochategui, 2003 [2004], p. 31.

Na discussão do elemento onomástico *Gere*, Gorrochategui (2003 [2004], p. 31) deixou de fora diversos paralelos antroponímicos, entre os quais **ABARCERIVS** < **abarcere* (Faria, 1995a, p. 79), **Βασίγερρος** < **basicere* (Correa, 1992, p. 266-267; De Hoz, 1993b, p. 658) e **tofsincere** (Untermann, 1991-1993, p. 100), bem como o NE *Ceretani* (Untermann, 1992, p. 31). Além dos textos agora citados, haveria outros (Untermann, 1986, p. 217, 1998, p. 82; Faria, 2002b, p. 129) que o professor Gorrochategui podia ter utilizado no tratamento do componente onomástico em questão.

cule[-]šafe. Bloco de pedra. Ensérune (Hérault). Untermann, 1999 [2000], p. 107.

As dúvidas por nós expressas há um par de anos (Faria, 2002b, p. 126) sobre a verdadeira transliteração deste presumível NP (seguido do sufixo *-e*) não se dissiparam, pelo que, em vez de **culešafe**, agora nos parece preferível ler a sequência completa de signos como **cule[-]šafe**. Não é este o parecer de Correa (2004, p. 80), que aceita sem reservas a proposta de leitura avançada por Untermann. Em contrapartida, Correa não se mostra disponível para seguir o iberista alemão na transliteração de outros vocábulos (NNP sufixados?) gravados no mesmo texto, optando por **iubebařate** e **arcideibase** (Correa, 2004, p. 80) em detrimento de **iubebařete** e de **argiteibase** (Untermann, 1999 [2000], p. 127), respectivamente. Não obstante as incontestáveis parecenças entre as transcrições da autoria de Correa e as nossas — **iubeba[-]ate** e **a[-]cidei[-]e** (Faria, 2002b, p. 126, 127) —, o catedrático da Universidade de Sevilha não mencionou estas últimas.

edeYildir. Placa de chumbo. Camp de Morvedre (Valência). Silgo e Tolosa, 2000, p. 42.

Tal como o título do trabalho assinado por Eduardo Orduña Aznar (2003 [2004]) deixa bem claro, são dois os NNL que este investigador crê ter detectado na placa de chumbo achada algures na comarca de Camp de Morvedre. Além de **arš** (v. *supra*, s.u. **aršboildir**), haveria igualmente que isolar o NL **ede** no sintagma **edeYildir**.

Na nossa perspectiva, Orduña Aznar podia ter ido um pouco mais longe na justificação de **ede** enquanto NL, já que não se pronunciou sobre a eventual função morfológica desempenhada por **-Y-** nem sobre a eventual existência de uma conexão entre **edeYildir** e **edesilir** (F.7.1). Por outro lado, Orduña não apresentou qualquer motivo que servisse de suporte à identificação de **ede** com Ἠδητα (Ptol. 2.6.62).

Quanto à interpretação a conferir a **-Y-**, este consistiria numa marca de caso, variante, já isolada em **oſcuYcen** (Pérez Orozco, 1993a, p. 224), do supracitado sufixo de locativo **-n** (Caro Baroja, 1947, p. 233 = 1985, p. 159, 1954, p. 741; *MLH I* 1, p. 89, 244, 246, *MLH III* 1, p. 165; Pérez Orozco, 1993a, p. 223-224; Gorrochategui, 1994, p. 122; De Hoz, 1995, p. 275, 2002, *passim*; Quintanilla, 1998, p. 203; Faria, 2001a, p. 98, 2002b, p. 125, 2003b, p. 219, 2004a, p. 178; Silgo Gauche, 2003 [2004], p. 17). A ser assim, estaríamos em condições de traduzir **edeYildir** por “na cidade de *Ede*”, ao passo que **edesilir** (F.7.1) < **edesildir* (Silgo Gauche, 1998-1999, p. 16, 17), segmentável em **ede-s-ilir**, equivaleria a “cidade edetana”.

No tocante à última questão, ao arrepio do que postula Untermann (1992, p. 22-23), somos do parecer que Ἡδητα configura um caso de derivação regressiva, a partir do NE EDETANI (Faust, 1966, p. 15; Faria, 1993a, p. 143, 1995c, p. 94, 2003b, p. 220). Ficaria deste modo justificada a identificação (ou a homonímia) entre **ede(Yildir)** e Ἡδητα < **ede*.

Importa, contudo, ter em atenção que, não obstante os nossos esforços tendentes a conferir alguma solidez à suspeita lançada por E. Orduña no sentido de ver em **ede(-Yildir)** um NL, são maiores as probabilidades de tanto **edeYildir** como **edesilir**, a exemplo de **aſsboildir** (v. *supra*, s. u.), corresponderem a NNP.

ildicira. Moedas. **ildi(r)cira*/**ildurcira* (Orcera, Jaén) ou **ildicr(oc)a*/**ilducroca* (Lorca, Múrcia)? *CNH* 356:1-2.

Quer a leitura — **ildicira** — quer as possíveis interpretações a dar ao NL inscrito nos numismas pertencentes à emissão *CNH* 356:1-2 têm, desde há quase quinze anos, vindo a merecer da nossa parte (Faria, 1991a, p. 16, 1991b, p. 192, 1995a, p. 82, 1997, p. 108, 2001a, p. 100-101, 2003b, p. 220-222) bem maior atenção do que aquela que o professor Correa (2004, p. 98, n. 81) deixa entrever, ao citar apenas o nosso artigo saído em 2001. Também a transliteração conferida por Javier de Hoz à mesma legenda monetária — **ilitirka** —, ao invés do que postula Correa (2004, p. 98, n. 81), não é de data recente, mas, tal como fizemos notar noutra oportunidade (Faria, 2003b, p. 221), já vem de longe (De Hoz, 1980, p. 305).

Quem parece revelar um completo e desconcertante desconhecimento sobre tudo o que se escreveu a respeito do NL em questão no último quarto de século é Pierre Moret. Efectivamente, escapa à nossa compreensão que, em 2004, passando por cima da bibliografia mais recente, este autor se faça arauto de uma teoria tão inverosímil como a que transcrevemos a seguir: “[e]nfin, il a été supposé que les monnaies ibériques à légende *Iltiraka* [sic] correspondent elles aussi à *Iliturgi*, dont elles nous donneraient le nom indigène” (Moret, 2004, p. 22).

neselducu. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 344:19, 20.

Correa (2004, p. 86, 89, 97, n. 65) recusa-se a transliterar como **Cu** o signo {ko4}, persistindo em considerá-lo alógrafo de {ko1}. Sucede, contudo, que em todos os numismas pertencentes ao tipo *CNH* 345:26-35 é facilmente observável um diacrítico no segundo grafema de **becuegi**, que foi gravado com o nítido propósito de o distinguir do quarto signo que figura em **bodilcoſ**, o outro NP pertencente à mesma legenda. É também {ko4} que figura sistematicamente em **an(n)dua-Cui** (*CNH* 346:36) e em **uecuegi** (*CNH* 355:1-4) (Faria, 1995a, p. 79, 85). A excepção a esta regra reside na circunstância de haver um número de exemplares, manifestamente minoritário (*MLH I* 1, p. 334), da emissão obulconense *CNH* 344:17-25 (v., entre outros, *CNH* 344:18, 344:21 [= Vives 96:4] e 344:24) em que o NP ibérico em causa finaliza com {ko1} (*MLH I* 1, p. 335; Faria, 1994c, p. 49, n.º 261, 1995a, p. 83, 2001b, p. 207), legitimando tal circunstância que, exclusivamente nos ditos exemplares, se leia **neselducu** em vez do bem mais vulgar **neselducu**.

A menor qualidade revelada pelos numismas que exibem **neselduco** em alternativa a **neselducu** legitima a suspeita, já suscitada por Untermann (*MLH I* 1, p. 335), de que aqueles terão sido produzidos no final da série a que pertencem. A ter sido assim, haveria que inverter os termos da nossa proposta de ordenação cronológica formulada há alguns anos justamente com base na (afinal pouco provável) passagem, na série em questão, de {ko1} a {ko4} (Faria, 1994c, p. 49, n.º 261, 1995a, p. 84). Não é possível decidir se estamos perante um caso de alografia (alomorfia?) na representação do mesmo sufixo antroponímico ou se a variabilidade gráfica aqui observada não passa de mais um entre vários “defeitos de fabrico”. Em todo o caso, é necessário não perder de vista que {ko4} foi criado a partir de {ko1} (Faria, 1995a, p. 79).

Vale ainda a pena prestar um último esclarecimento a propósito da história da interpretação de {ko4} e {ko5} como **Cu**, uma vez que todas as versões até hoje apresentadas sobre a mesma (Faria, 1995a, p. 79; Arévalo González, 1999, p. 75; Correa, 2004, p. 97, n. 65) enfermam de diversas imprecisões: a transliteração de {ko4} como **Cu** deve-se a Antonio Beltrán Martínez (1950, p. 307, 1953, p. 18), no que foi seguido por Pío Beltrán Villagrasa (1962, p. 30, 46 = 1972, p. 573, 589) e, com algumas reservas, por Untermann (*MLH I* 1, p. 136 [Übersicht], G 15); contudo, posteriormente, este último investigador alterou a sua posição, optando por valorizar {ko4} como **Co**, assimilando-o a {ko1} (*MLH III* 1, p. 249 [Tabelle 3]).

Ao arrepio do que pretende Alicia Arévalo González (1999, p. 75), nem Schmoll (1966, p. 187) nem Guadán (1969, p. 242) transliteraram {ko4} como **Cu**. Na Tabelle B, intitulada “Lesung des Verfassers”, Schmoll (1966, p. 190) limita-se a representar, tal como no-lo recorda Jürgen Untermann (*MLH I* 1, p. 136 [Übersicht], G 15), com um ponto de interrogação o valor fonético para {ko4}, reduzindo assim à mais ínfima expressão gráfica as dúvidas de que dava mostras páginas antes (Schmoll, 1966, p. 187): “Die Beltráns umschreiben *cu*, wofür ein Nachweis aussteht”. Quanto a Guadán, em parte alguma do seu livro (Guadán, 1969) este numismata se chega a pronunciar sobre o problema que nos ocupa.

No tocante a {ko5}, foi Untermann (*MLH III* 1, p. 592, 594) quem, pela primeira vez, não sem revelar algumas reticências, propôs a sua transliteração como **Cu**. Em três artigos redigidos antes de termos tomado conhecimento do 3.º volume dos *MLH* (Faria, 1990-1991, p. 77, 78, 1991a, p. 22, 1992a, p. 45), não duvidámos por um instante em considerar que **Cu** era a única transliteração admissível para {ko5}.

odaciis. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:9.

Apraz-nos sublinhar o facto de o professor Correa (2004, p. 98, n. 81), decorridas mais de duas décadas sobre a data de publicação da proposta de transliteração perfilhada por Javier de Hoz, ter concluído que **otatiis** (Correa, 2001, p. 312) deve dar lugar a **odaciis** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990-1991, 1991a, p. 17, 1992a, p. 43, 1993b, p. 139, 1994c, p. 51, n.º 283, 1995a, p. 84, 1996, p. 167, 1998a, p. 232, 1998c, p. 252, 2000b, p. 138, 2001a, p. 101, 2001b, p. 208-209, 2001c, p. 213, 2003a, p. 325).

Não obstante J. A. Correa (2004, p. 98, n. 79) declarar que o paralelo que estabelecemos entre **odaciis** e ODACIS data de 2000 (Faria, 2000b, p. 138), o certo é que o mesmo remonta a 1992 (Faria, 1992a, p. 43, 1994c, p. 51, n.º 283, 1995a, p. 84)

salduie. Moedas. **salduie** (Saragoça). *CNH* 228:1-4.

Não restam hoje quaisquer dúvidas de que **salduie**, presumivelmente analisável como **saldu-i-e** ou **saldu-bi-e*, é um NL ibérico, contando **saldu** com diversos paralelos antroponímicos: **salduco**, **saldutibai**, **saldulaco** e **saldugiler** (Untermann, *MLH III* 1, p. 230, *MLH III* 2, p. 451, 1998,

p. 81; Ferrer Echavarri, 1986, p. 22; Faria, 1991b, p. 190, 1994a, p. 67, 2000b, p. 138, 2002a, p. 238, 2003b, p. 225-226). A analogia encontrada por Michel Bats (2003, p. 147) entre este NL e o NE *Salluuii*, de origem lígure, afigura-se, pois, completamente despropositada. Talvez inspirado por Patrick Le Roux (1995, p. 51), para quem os cavaleiros integrantes da *turma Salluitana* eram celtiberos, Bats usa idêntico qualificativo para os NNE *Salluitana/Salluienses*, parecendo ignorar que ambos se reportam a **saldue**.

sofseider. Peso (?) de mármore. Empúries (L'Escala, Girona). *MLH* III 1 C.1.8.

Serve esta entrada para rectificarmos a transliteração que deste NP, segmentável em **sofs-eider** (Faria, 1993c, p. 156, 1994a, p. 68, 1995b, p. 327), apresentámos recentemente (Faria, 2004b, p. 299). Há mais de uma década (Faria, 1992b, p. 192), tivemos a oportunidade de chamar a atenção para o facto de Velaza (1991, p. 62) se ter enganado na transliteração do NP em apreço, lendo-o como **sorseitekef**. Mais de dez anos volvidos, é Jesús Rodríguez Ramos (2002 [2003], p. 268) quem, por curiosa coincidência, incorre exactamente no mesmo erro de simpatia.

sibibolai. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 342:8.

Apraz-nos sublinhar o facto de o professor Correa (2004, p. 97, n. 55), decorridas mais de duas décadas sobre a data de publicação da proposta de transliteração perfilhada por Javier de Hoz, ter concluído que **situbolai** (Correa, 2001, p. 312) deve dar lugar a **sibibolai** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17, 1991b, p. 191, 1993b, p. 139, 1993c, p. 155, 1994c, p. 53, n.º 344, 1996, p. 172, 1998a, p. 236, 1998e, p. 125, 2000b, p. 138-139, 2001b, p. 207, 2003b, p. 226-227).

tibešdar. Placa de chumbo. “Barranco del Rey” (Sierra de Gádor, Almería). *MLH* III 2, H.1.1.

Há um argumento que, a nosso ver, Correa (2004, p. 90-91) negligencia na discussão do valor a atribuir ao signo {1}: este não pode, no chumbo da Sierra de Gádor (H.1.1), corresponder a /ba/, visto que tal valor fonético já está representado por {2} em **baštibilos** (Faria, 1990-1991, p. 76, 78, 84). É por isso que o valor mais provável para aquele silabograma, documentado por oito vezes no referido chumbo, deverá ser /be/, sendo esta sequência de fonemas caucionada pela existência do elemento nominal ibérico **tibes** (Faria, 1990-1991, p. 76, 78, 88, 1992a, p. 45, 1995b, p. 328, 1998d, p. 128, 2000b, p. 140, 2003a, p. 328-329). Não deve ser por acaso que o signo em questão tem o mesmo valor numa das tésseiras celtibéricas de Viana (K.18.1) (*MLH* IV, p. 697).

urCailbi. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 344:17-25.

Apraz-nos sublinhar o facto de o professor Correa (2004, p. 97, n. 55), decorridas mais de duas décadas sobre a data de publicação da proposta de transliteração perfilhada por Javier de Hoz, ter concluído que **urCaildu** (Correa, 1994, p. 140) é transliteração que deve dar lugar a **urCailbi** (De Hoz, 1980, p. 314; Faria, 1990-1991, p. 74, 81, 1991a, p. 17-18, 1991b, p. 191-192, 1992a, p. 44, 1993b, p. 139, 1993c, p. 154-155, 1994b, p. 123, 1994c, p. 56, n.º 403, 1995a, p. 85-86, 1995b, p. 328, 1996, p. 176, 1998c, p. 254, 2000a, p. 64-65, 2000b, p. 140-141, 2001a, p. 103, 2002a, p. 241, 2003b, p. 226-227).

XALINIS. Placa votiva de prata. Hagenbach (Germersheim, Renânia-Palatinado). Gorrochategui, 2003 [2004], p. 34.

Continuamos a acreditar que tanto SALINIS como XALINIS (hipocorístico do primeiro) constituem NP analisáveis em SALI-NIS/XALI-NIS, devendo provavelmente proceder de **śalines*

(**śali-nes*) (Faria, 2002a, p. 239). Gorrochategui (2003 [2004], p. 34) não aduz nenhum *comparandum* para XALINIS, mas cremos que o mesmo admite ser cotejado com **śaliboś** (F.17.1) (**śali-boś**), SALISIVS/SALIXI (gen.) < **śalisu*/**śaliśu* (**śali-su*/**śali-śu*) e **śaliunibaś** (F.20.3) (**śali-uni-baś**) (Faria, 2002a, p. 239). Joaquín Gorrochategui (2003 [2004], p. 33) prefeere individualizar em SALISIVS/SALIXI (gen.) uma base **salits/zalitz*.

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ARÉVALO GONZÁLEZ, A. (1999) - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela.
- BATS, M. (2003) - Ligyens et Salyens d'Hécatee à Strabon. In BATS, M., ed. - *Peuples et territoires en Gaule méditerranéenne. Hommage à Guy Barruol*. Montpellier: Association de la Revue Archéologique de Narbonnaise, p. 147-166.
- BELTRÁN FORTES, J. (2000) - Mausoleos romanos de Torreparedones (Castro del Río/Baena, Córdoba): sobre la "tumba de los Pompeyos" y otro posible sepulcro monumental. *Habis*. Sevilla. 31, p. 113-136.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, A. (1950) - *Curso de numismática, I. Numismática antigua, clásica y de España. 2.ª edición, completamente renovada*. Zaragoza: Universidad.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, A. (1953) - *Las monedas hispánicas antiguas*. Zaragoza: La Académica.
- BELTRÁN VILLAGRASA, P. (1942) - *Sobre un interesante vaso escrito de San Miguel de Liria*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica (Serie de Trabajos Varios; 8).
- BELTRÁN VILLAGRASA, P. (1954) - *El plomo inscrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente)*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación Provincial.
- BELTRÁN VILLAGRASA, P. (1962) - *El plomo inscrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente) (addenda et corrigenda)*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación Provincial.
- BELTRÁN VILLAGRASA, P. (1972) - *Obra completa I. Antigüedad*. Zaragoza: Departamentode Prehistoria y Arqueología de la Universidad.
- CAMPMAJÓ, P.; UNTERMANN, J. (1993) - Les influences ibériques dans la Haute Montagne Catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 499-520.
- CANTO, A. M.ª (2001) - El paisaje del teónimo: *Iscallis Talabrigensis* y la aspirina. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 107-134.
- CARO BAROJA, J. (1947) - La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 26, p. 197-243.
- CARO BAROJA, J. (1954) - La escritura en la España prerromana (epigrafía y numismática). In MENÉNDEZ PIDAL, R., ed. - *Historia de España, I. España prerromana, II: Etimología de los pueblos de Hispania*. Madrid: Espasa-Calpe, p. 678-812.
- CARO BAROJA, J. (1985) - *Los Vascones y sus vecinos*. San Sebastián: Editorial Txertoa.
- CIL IP²/5 = STYLOW, A. U. [et al.] (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conuentus Astigitanus (CIL IP²/5)*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COMAS, M.; PADRÓS, P.; VELAZA, J. (2001) - Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 291-299.
- COROMINAS, J. (1972) - *Tópica hespérica: estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances*, 2. Madrid: Gredos.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIΩN*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, p. 263-287.
- CORREA, J. A. (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de Marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 375-396.
- CORREA, J. A. (2001) - Las silbantes en ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 305-318.

- CORREA, J. A. (2004) - Los semisilabarios ibéricos: algunas cuestiones. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. Valencia. 5, p. 75-98.
- CRINITI, N. (1970) - *L'epigrafe di Asculum di Gn. Pompeo Strabone*. Milano: Editrice Vita e Pensiero.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1991b) - [Recensão de] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1992a) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1992b) - [Recensão de] JAVIER VELAZA, *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976-1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. Coimbra. 31, p. 191-195.
- FARIA, A. M. de (1993a) - [Recensão de] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: From the Death of Caesar to the Death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London-Paris: British Museum Press - Bibliothèque Nationale. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 140-146.
- FARIA, A. M. de (1993b) - [Recensão de] CURCHIN, Leonard A. - *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 136-140.
- FARIA, A. M. de (1993c) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penelope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1994b) - [Recensão de] Leandre VILLARONGA, *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*, Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994, XXII + 519 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 121-124.
- FARIA, A. M. de (1994c) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Porto. Nova série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1995c) - Plínio-o-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 89-99.
- FARIA, A. M. de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.
- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão de] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão de] SILGO, L. (1994), *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 271 p. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p. 228-234.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antigua*. Madrid: Jesus Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 241-256.
- FARIA, A. M. de (1998d) - [Recensão de] UNTERMANN, Jürgen, *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen [Inschriften]*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 1997, 758 pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, p. 127-129.
- FARIA, A. M. de (1998e) - [Recensão de] COLLANTES PÉREZ ARDÁ, E., 1997, *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis, 395 + XLIX pp. *Vipasca*. Aljustrel. 7, p. 123-126.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2001b) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. 362 p. LX Estampas. ISBN 84-86711-08-8. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 206-212.
- FARIA, A. M. de (2001c) - [Recensão de] RIPOLLÈS, P. P.; ABASCAL, J. M. - *Monedas hispânicas: catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000 464 p. ISBN 84-89512-67-1. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 213-216.
- FARIA, A. M. de (2002a) - Onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 233-244.
- FARIA, A. M. de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- FARIA, A. M. de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 313-334.
- FARIA, A. M. de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 211-234.
- FARIA, A. M. de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 175-192.
- FARIA, A. M. de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 273-315.

- FAUST, M. (1966) - *Die antiken Einwohnernamen und Völkernamen auf -itani, -etani. Eine Untersuchung zur Frage des westmediterranean Substrats.* Göttingen: Vanderhoeck & Ruprecht.
- FERRER ECHAVARRI, M.^a J. (1986) - El nombre prerromano de Zaragoza. *Caesaraugusta*. Zaragoza. 63, p. 17-47.
- FLETCHER, D. (1972) - Nuevas inscripciones ibéricas de la región valenciana. *Archivo de Prehistoria Levantina*. Valencia. 13, p. 103-126.
- FLETCHER, D. (1974) - Orley I y II, plomos ibéricos escritos. In *Homenaje a D. Pio Beltrán*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Instituto Español de Arqueología; Zaragoza: Departamento de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Zaragoza, p. 121-130.
- FLETCHER, D. (1985) - *Textos ibéricos del Museo de Prehistoria de Valencia*. Valencia: Diputación Provincial.
- GALMÉS DE FUENTES, Á. (2000) - *Los topónimos: sus blasones y trofeos (la toponimia mítica)*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GORROCHATEGUI, J. (1984) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI, J. (1994) - La aportación de la lingüística a la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco. In *Illunzar 94. Problemática de la reconstrucción del poblamiento en el País Vasco: un enfoque preliminar (Museo Euskal Herria de Gernika, 1993)*. Gernika: Asociación Cultural de Arqueología AGIRI, p. 113-125.
- GORROCHATEGUI, J. (2003) [2004] - Las placas votivas de plata de origen aquitano halladas en Hagenbach (Renania-Palatinado, Alemania). *Aquitania*. Pessac/Bordeaux. 19, p. 25-47.
- GUADÁN, A. M. de (1969) - *Numismática ibérica e ibero-romana*. Madrid: Instituto Español de Arqueología.
- GUÉRIN, P.; SILGO, L. (1996) - Inscripción ibérica sobre plomo de Castellet de Bernabé (Llíria, Valencia). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. Lleida. 6, p. 199-206.
- DE HOZ, J. (1976) - La epigrafía prelatina meridional en Hispania. In JORDÁ, F.; DE HOZ, J.; MICHELENA, L., eds. - *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27-31 mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, p. 227-317.
- DE HOZ, J. (1979) - On some problems of Iberian script and phonetics. In TOVAR, A. [et al.] - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 257-271.
- DE HOZ, J. (1980) - Crónica de lingüística y epigrafía prerromanas de la Península Ibérica: 1979. *Zephyrus*. Salamanca. 30-31, p. 299-323.
- DE HOZ, J. (1989) - El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In AUBET, M.^a E., ed. - *Tartessos: arqueología protohistórica del Bajo Guadalquivir*. Sabadell: AUSA, p. 523-587.
- DE HOZ, J. (1993a) - De la escritura meridional a la escritura ibérica levantina. In HEIDERMANN, F.; RIX, H.; SEEBOLD, E., eds. - *Sprachen und Schriften des antiken Mittelmeerraums: Festschrift für Jürgen Untermann zum 65. Geburtstag*. Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck, p. 175-190.
- DE HOZ, J. (1993b) - La lengua y la escritura ibéricas, y las lenguas de los iberos. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F. (eds.) - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de Noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 635-666.
- DE HOZ, J. (1995) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT, J.; VIVES, E., eds. - *Muntanyes i població: El passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinaria*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pireniques, p. 271-297.
- DE HOZ, J. (2002) - El complejo sufijal *-(e)skēn* de la lengua ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 159-168.
- JORDÁN CÓLERA, C. (2003) [2004] - *Chronica epigraphica Celtiberica II. Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 285-293.
- LE ROUX, P. (1995) - *Romains d'Espagne: cités & politique dans les provinces II^e siècle av. J.-C. - III^e siècle ap. J.-C.* Paris: Armand Colin.
- LUJÁN, E. R. (2003) [2004] - En torno a la identificación de la ceca IKALE(N)SKEN (MLH A.95). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 129-135.
- MERIMÉE, P. (1844) - Inscriptions romaines de Baena. *Revue Archéologique*. Paris. 1, p. 176-181.
- MLH I 1 = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, D. (2000) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V I. Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MORET, P. (2004) - Tours de guet, maisons à tour et petits établissements fortifiés de l'Hispanie républicaine: l'apport des sources littéraires. In MORET, P.; CHAPA, T., eds. - *Torres, atalayas y casas fortificadas: explotación y control del territorio en Hispania (S. III a. de C. - S. I d. de C.)*. Jaén: Universidad, p. 13-29.
- ORDUÑA AZNAR, E. (2003) [2004] - Sobre dos posibles topónimos en un plomo ibérico del Camp de Morvedre. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 137-139.

- PÉREZ OROZCO, S. (1993a) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, p. 221-229.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993b) - Notas sobre onomástica ibérica. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 62, p. 61-67.
- PÉREZ ROJAS, M. (1993) - Las inscripciones con escritura tartésica de la Cueva de La Camareta y su contexto onomástico (aportaciones sobre la "celtización" del mundo ibero-tartésico). In GONZÁLEZ BLANCO, A.; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, R.; AMANTE, M., eds. - *La Cueva de La Camareta (Agramón, Hellín-Albacete)*. Murcia: Universidad (Antigüedad y Cristianismo; 10), p. 139-266.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco (*Veleia*. Anejos. Serie Minor; 11).
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Vocales y consonantes nasales en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 22:2, p. 25-37.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001) - Aspectos de la morfología de los formantes segundos de los compuestos de tipo onomástico en la lengua íbera. *Faventia*. Barcelona. 23:1, p. 7-19.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002) [2003] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypsela*. Girona. 14, p. 251-275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2004) - Respuesta a los comentarios del señor Antonio [sic] Marques de Faria sobre mí. www.webpersonal.net/jrr/archivos/respuesta.doc [consultado em 23/05/04].
- SCHMOLL, U. (1959) - *Die Sprachen der vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und das Keltiberische*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SCHMOLL, U. (1966) - Althispanische Miscellen II. *Zeitschrift für Vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete der Indogermanische Sprachen*. Göttingen. 80, p. 182-198.
- SCHUCHARDT, H. (1909) - Iberische Personennamen. *Revista Internacional de Estudios Vascos*. Paris. 3:3, p. 237-247.
- SILGO GAUCHE, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 1).
- SILGO GAUCHE, L. (1998-1999) - Ibérico *ilti*, *iltu* y derivados. *Arse*. Sagunto. 32-33, p. 11-45.
- SILGO GAUCHE, L. (2001) - Grafitos ibéricos de El Palomar (Oliete, Teruel). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 1, p. 347-352.
- SILGO GAUCHE, L. (2003) [2004] - Comentarios sobre cinco topónimos ibéricos. *Arse*. Sagunto. 37, p. 15-19.
- SILGO, L.; TOLOSA, A. (2000) - Plomo ibérico del Camp de Morvedre. *Arse*. Sagunto. 34, p. 39-44.
- SOLIER, Y. (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, p. 55-123.
- TOVAR, A. (1949) - Las monedas saguntinas y otras notas sobre inscripciones ibéricas. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 15:49-50, p. 23-34.
- TOVAR, A. (1951) - Léxico de las inscripciones ibéricas (celtibérico e ibérico). In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, Tomo II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 273-323.
- UNTERMANN, J. (1976) - Pompaelo. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 11, p. 121-135.
- UNTERMANN, J. (1986) - [Recensão de] Joaquín Gorrochategui Churruga. Onomástica Indígena de Aquitania. Servicio Editorial Universidad del País Vasco. Universidad de Salamanca. Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico. [Bilbao 1984] 384 S., 3 Faltkarten. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 21:2, p. 215-217.
- UNTERMANN, J. (1992) - Los etnónimos de la Hispania antigua y las lenguas prerromanas de la Península Ibérica. In *Paleoetnología de la Península Ibérica: Actas de la reunión celebrada en la Facultad de Geografía e Historia de la Universidad Complutense. Madrid, 13-15 diciembre de 1989*. Madrid: Universidad Complutense [Complutum. Madrid. 2-3, 1992], p. 19-33.
- UNTERMANN, J. (1991-1993) - Intercanvi epistolar en un plom ibèric?. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 21-23 [Homenatge al Dr. Leandre Villaronga], p. 93-100.
- UNTERMANN, J. (1998) - La onomástica ibérica. *Iberia*. Logroño. 1, p. 73-85.
- UNTERMANN, J. (1999) [2000] - L'inscription sur pierre d'Ensérune, conservée dans le musée de Cruzy (Hérault). *Archéologie en Languedoc*. Lattes. 23, p. 107-110.
- UNTERMANN, J. (2002) - Dos nuevos textos ibéricos del sur de Francia. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 355-361.
- VELAZA, J. (2001) - Chronica epigraphica Iberica II: novedades y revisiones de epigrafía ibérica. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.^a P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 639-662.
- VELAZA, J. (2002) - Ibérico -te. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 271-275.
- VILLAR, F. (1995) - *Estudios de celtibérico y de toponimia prerromana*. Salamanca: Universidad.
- VILLARONGA, L. (2003) - [Recensão de] RIPOLLÈS, P. P. i LLORENS, M. del Mar. *Arse-Saguntvm: Historia monetaria de la ciudad y su territorio*. Sagunt, 2002. 564 p. [Amb la col·laboració de M. Gozalbes, J. Velaza, F. Tormo, C. Aranegui i M. Crusafont]. *Acta Numismàtica*. Barcelona. 33, p. 219-226.
- Vives = VIVES, A. (1924-1926) - *La moneda hispánica*. Madrid: Real Academia de la Historia.